

Jornalismo investigativo: um novo olhar sobre os fatos e a busca de outras vozes¹

Júlia Alice RESENDE²

Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)

Resumo: Este trabalho analisa as faces do jornalismo investigativo e suas formas de exercê-lo a partir do estudo de casos de reportagens com importantes desdobramentos, tanto as que sucederam em retorno positivo para a sociedade quanto as que foram fatais para repórteres em ação. Para isso, o ponto de partida foi a pesquisa dos elementos que constituem esse segmento da profissão, assim como os princípios éticos essenciais. Contudo, as reportagens do Especial de 50 anos do Fantástico, da Rede Globo, os programas instituídos pela Abraji e as recentes produções do gênero *true crime* constituem a análise empírica.

Palavras-chave: Jornalismo Investigativo; reportagem; ética; repercussão midiática.

1. Introdução

Informação. Conceito que, segundo Denport e Prusack (2003), é definido como um conjunto de dados organizados com finalidade definida. Informação é a principal ferramenta do trabalho jornalístico, é de onde nasce a apuração de fatos, de suposições e, principalmente, de onde nasce a investigação. O jornalismo, que é uma construção social da realidade baseia-se principalmente na cobertura factual e meramente informativa. É a forma rápida de manter os indivíduos informados sobre o atual estado do mundo.

Quanto ao termo “jornalismo investigativo”, por si só, pode ser considerado auto explicativo. No entanto, as diversas formas de interpretá-lo podem ocasionar em maneiras equivocadas de exercê-lo. Afinal, de qual pressuposto partir para considerar determinadas práticas jornalísticas como investigações? Leandro Fortes (2005) defende que é consenso entre jornalistas que o ofício de publicar notícias é, por si só, o resultado de atividade investigativa que demanda, em graus diferentes, um processo de apuração, apesar de que a reportagem, de fato, não prescinde de investigação. Mas, ainda segundo Fortes, o jornalismo investigativo é algo mais complexo, trabalhoso e perigoso que exige talento, tempo, dinheiro, paciência e sorte. Mark Lee Hunter et al (2013), no artigo “A Investigação a partir de histórias: um manual para jornalistas investigativos”, explicam que o jornalismo investigativo envolve expor ao público questões ocultas e depende de materiais reunidos ou gerados a partir da própria iniciativa do repórter.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Estudos em Comunicação e suas interdisciplinaridades”, evento integrante da programação do 27º Congresso Regional das Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado dos dias 30 de maio a 01 de junho de 2024, em Barbacena/MG.

² Graduanda em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: julialiceresende@gmail.com.

Partindo para um contexto histórico, o primeiro grande caso, e que deu forças para o jornalismo investigativo, foi Watergate, nos Estados Unidos em 1972. Na ocasião, membros do Partido Republicano tentaram instalar um sistema de espionagem na sede do Partido Democrata, no edifício Watergate, e foram descobertos. A partir de então, dois jornalistas do *The Washington Post* apuraram o caso e deram visibilidade ao crime, que até então estava pouco falado na mídia. No Brasil, foi somente após o fim da ditadura militar, em 1985, quando a imprensa deixou de ser censurada, que as investigações jornalísticas ganharam espaço. No entanto, segundo Fortes (2005), somente na Era Collor os métodos de investigação tornaram-se organizados dentro das redações.

Porém, nem todos os casos investigados por repórteres, movidos pelo compromisso em descobrir e disseminar a verdade, possuem um desfecho positivo. Como em todos os outros ramos do jornalismo, o investigativo exige dedicação, ética e exposição. A diferença é que a exposição do repórter é ainda maior nesse caso, o que pode ser um risco à sua segurança.

2. Metodologia

Este trabalho propõe a análise de casos de investigações realizadas por jornalistas no Brasil e seus desdobramentos a partir dos conceitos e dos papéis de cada caso no contexto social em que está inserido. Para isso foi realizada uma pesquisa teórica sobre os tipos de jornalismo investigativo e seu papel na sociedade moderna, assim como os elementos básicos que o compõem e que norteia o trabalho dos profissionais. Após a fundamentação teórica, foram relacionados casos práticos do exercício desse ramo jornalístico, com foco nos exemplos brasileiros.

O levantamento foi feito a partir da pesquisa de reportagens e projetos, que foram determinadas como objeto de estudo dada a relevância no segmento. Os tópicos abordados foram: (1) o trabalho da Associação Brasileira de Jornalistas Investigativos (Abraji) e o Projeto Tim Lopes (PTL); (2) as reportagens investigativas no Fantástico da Globo, em especial as reportagens lembradas na edição de 50 anos do programa; (3) a nova onda de *true crime* – documentários e seriados que retratam a cobertura de crimes reais. A análise será feita por meio de uma pesquisa descritiva que, para Cervo, Bervian e da Silva (2006), ocorre quando se registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos, sem manipulá-los.

3. Fundamentação Teórica

Segundo Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2004), existem três tipos diferentes de abordagens jornalísticas de caráter investigativo: original, interpretativa e reportagem sobre investigação. O primeiro diz respeito à descoberta e documentação feita e exposta por um repórter de um fato até então desconhecido pelo público e que pode gerar uma investigação dos órgãos oficiais. Já a interpretativa revela uma nova forma de olhar um acontecimento, após a cuidadosa reflexão e análise de uma ideia, bem como de uma busca obstinada dos fatos, para reunir informação num novo e mais completo contexto, fornecendo um melhor entendimento do que acontece. Por fim, a reportagem sobre investigação origina-se da descoberta do vazamento de uma investigação oficial em andamento ou em processo de preparação por outras fontes, geralmente agências governamentais.

Portanto, ao contrário do pensamento de que o jornalismo só é investigativo se influenciar diretamente no processo de descoberta de ações, o campo é muito mais abrangente e pode significar apenas expor a situação investigada por um viés diferente do mostrado pelos órgãos oficiais. Hoje, por exemplo, há uma série de documentários exibidos nos canais de streaming - como Netflix e Globoplay - que trazem os fatos abordados de forma mais investigativa, como o “Ninho: Futebol & Tragédia”, lançado em março de 2024, pela Netflix, que retrata o trágico incêndio que ocorreu no Ninho do Urubu, o centro de treinamento do Flamengo, em 2019, ocasionando a morte de 10 atletas entre 15 a 17 anos, a maioria adolescentes pobres. Em três episódios, o documentário traz uma abordagem que utiliza fontes, como familiares da vítima, um ex-funcionário e representantes da Justiça.

Contudo, é necessário o agir ético e o compromisso em seguir as normas de conduta para tratar de casos em processo de investigação. Nesse caso, está em jogo, além do cuidado com a verdade, a exposição de imagens de personagens reais que podem estar envolvidos de forma positiva ou negativa. A responsabilidade do jornalista investigativo em mostrar apenas aquilo que se pode comprovar e não ferir os direitos de imagem de alguém suspeito é enorme e deve ser primordial nesse processo. Como exemplo, podemos citar o podcast “Medo do Escuro”, do jornalista Rodrigo Pereira, do G1, que conta o caso do assassinato de João Paulo, na cidade de Piracicaba, em 1989. Durante os nove episódios da série, o jornalista não revela o nome, a voz ou qualquer informação que possa identificar os envolvidos na história.

Kovach e Rosentiel ainda apresentam alguns conceitos básicos da disciplina da verificação, como sendo princípios intelectuais da ciência da reportagem, são eles: nunca acrescentar nada que não exista; nunca enganar o público; ser o mais transparente possível sobre os métodos adotados e motivos; confiar somente no próprio trabalho de reportagem e ser

humilde. De encontro com essas práticas, a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) possui seu Código de Conduta Ética, que trata de questões como conflitos de interesse, proteção de dados e informações confidenciais, direitos autorais e liberdade de expressão.

Hoje, essa vertente do jornalismo desdobra-se em várias outras e pode ser executado em diferentes gêneros, formatos e mídias. Nos anos 70, tornou-se mais conhecido com o chamado *New Journalism*, com uma reaproximação do jornalismo com a literatura. Desde então, um dos gêneros que tem sido bastante recorrente são livros-reportagens, que trazem uma cobertura bem aprofundada dos fatos. Outra evidência do jornalismo investigativo são as reportagens especiais e a recorrente produção de documentários e produções em séries focadas no jornalismo investigativo, sendo muitos voltados para retratar a cobertura sobre crimes.

4. Análise

4.1 O trabalho da Abraji e o Projeto Tim Lopes (PTL)

A atuação da Abraji inclui organizar congressos, seminários e oficinas com o objetivo de promover o aperfeiçoamento profissional dos jornalistas interessados no tema “investigação”. No entanto, a violência não está presente apenas nos casos investigados por jornalistas. A violência é feita contra os jornalistas.

A Associação foi criada inspirada na morte do repórter Tim Lopes, fato que expôs a necessidade de assistências que ofereçam proteção aos profissionais. Tim Lopes foi assassinado em 2002, enquanto realizava uma reportagem no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro. De acordo com as notícias da época de sua morte, ele apurava uma matéria sobre prostituição de menores de idade e consumo de drogas em um baile funk e foi identificado por um dos seguranças, que encontrou uma microcâmera escondida.

Por tudo isso, a Associação do jornalismo investigativo lançou o PTL (Programa Tim Lopes) que atua, principalmente na cobertura e investigação dos casos de morte em decorrência do exercício da profissão. Atualmente, cinco casos de assassinato estão em acompanhamento pelo programa, são eles: Jefferson Pureza, radialista; Jairo Souza, radialista; Lourenço (Léo) Veras, jornalista; Givanildo Oliveira, jornalista e blogueiro; Dom Phillips, jornalista britânico e Bruno Pereira, indigenista. Dentre esses casos, o que ganhou maior destaque nacional e internacional foi o de Dom e Bruno. Equipes de jornalistas se uniram para ir até o local auxiliar nas buscas por informações sobre o paradeiro dos dois até que todo o crime fosse desvendado.

4.2 Casos brasileiros de jornalismo investigativo que geraram grande repercussão e desdobramentos marcantes no Fantástico da Globo

Em 20 de agosto de 2023, o Fantástico, da Rede Globo, exibiu um Especial de 50 anos de programa e relembrou as melhores reportagens de investigação. Na ocasião, o rosto do repórter investigativo Eduardo Faustini, desconhecido até então, foi divulgado. Durante o especial, ele afirma que não mostrar o rosto permitiu que ele continuasse a exercer seu papel, mas que mesmo assim, recebia ameaças contra ele e sua família. Faustini ainda ressalta que “o jornalista não investiga para punir, ele investiga para informar. Às vezes, ele é punido por isso” e, que “a magia da TV é você poder ver. É mais fácil de entender, de ficar indignado com aquilo que você está vendo”.

Dentre as reportagens marcantes exibidas no programa, foram citadas: a denúncia de Corrupção nas repartições públicas de São Gonçalo, no Rio de Janeiro; a reportagem sobre o setor de despacho de malas dos aeroportos; a reportagem de Caco Barcellos sobre um falso diagnóstico de AIDS; a reportagem sobre os “surfistas ferroviários”, com narração de Pedro Bial. Todas elas fizeram com que providências fossem tomadas pelos órgãos públicos após suas exibições e repercussões.

4.3 O gênero *True crime* em ascensão no Brasil e os conteúdos multimídias

Traduzido para o português, *true crime* significa crime real. Na mídia, o conceito se tornou um gênero e hoje, é a base de muitos programas, principalmente de *podcasts*. Para isso, os roteiristas desenvolvem a história de crimes reais por meio de recursos como entrevistas, reconstituição de cenas, narração, reportagens aprofundadas e documentários. O programa Linha Direta, da Rede Globo, é referência quando citado o gênero.

De acordo com o site Gente | Uma Conexão Globo, esse gênero tem um objetivo muito específico: trazer luz para acontecimentos pouco ou mal explicados e fomentar o debate a partir deles com registros documentais sobre um certo crime. Segundo a Parrot Analytics, as séries documentais cresceram 63% entre janeiro de 2018 e março de 2021, sendo o *true crime* o maior subgênero da categoria e o que cresce mais rápido entre todos os outros, incluindo esportes.

Na Netflix, casos de crimes reais brasileiros se transformaram em produções bem aclamadas pelo público, como o documentário “João de Deus - Cura e Crime” e o filme “Isabella: o Caso Nardoni”. O Spotify também abriga muitas obras *true crimes* por ser a principal plataforma de escuta de *podcasts* do país. O *podcast* Modus Operandi, por exemplo,

de periodicidade semanal, em episódios de 50 a 60 minutos, conta histórias de crimes reais do mundo todo, trazendo a visão de especialistas, propondo debates e reflexões.

5. Conclusão

A partir do estudo realizado, conclui-se que, acima de tudo, o jornalismo investigativo é um serviço prestado à comunidade para expor casos de interesse público a fim de colaborar com a democracia e justiça. Os temas tratados em reportagens, documentários ou podcast são de grande relevância pública e possuem papel de, além de denúncia, de ser registro para a história de uma cidade, estado ou de um país inteiro, além de ser ferramentas importantes para a busca da justiça e direitos iguais para todos. No entanto, a Abraji e os Programas adjacentes são essenciais dada a violência e as repercussões que as investigações ganham.

REFERÊNCIAS:

HUNTER, Mark Lee *et al.* A investigação a partir de histórias: um manual para jornalistas investigativos. UNESCO, 2013.

SANTOS, Abinoan S. *et al.* As condições de precarização do trabalho e da segurança de jornalistas investigativos independentes. ABRAJI, 2017. In: V Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo Universidade Anhembi-Morumbi, 27 de junho de 2017.

FORTES, Leandro. Jornalismo Investigativo. São Paulo: Contexto, 2005.

DAVENPORT, Thomas; PRUSAK, Laurence. Conhecimento empresarial: como as organizações gerenciam o seu capital intelectual. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. cap. 1, p. 1-28.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. Os elementos do jornalismo. O que os jornalistas devem saber e o público exigir. Tradução de Wladir Dupont, 2ª edição. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

REPÓRTER DA GLOBO TORTURADO E QUEIMADO: MORTE QUE CHOCOU O PAÍS FAZ 21 ANOS. Splash Uol, 2023. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2023/06/29/tim-lopes-ha-21-anos-trafficantes-torturam-e-mataram-reporter-da-globo.htm>> Acesso em: 30 de março de 2024

FENÔMENO, PRODUÇÃO E ÉTICA: DESVENDANDO O GÊNERO TRUE CRIME. Co.Lab, 2023. Disponível em: <<https://blogfca.pucminas.br/colab/fenomeno-producao-e-etica-desvendando-o-genero-true-crime/>> Acesso em: 03 de abril de 2024

A ONDA DE TRUE CRIMES. Globo gente, 2023. Disponível em: <<https://gente.globo.com/infografico-a-onda-de-true-crimes/>> Acesso em: 05 de abril de 2024

RODRIGUES, M. V. C. Qualidade de vida no trabalho – Evolução e Análise no nível gerencial. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CERVO, A.; BERVIAN, P. A.; DA SILVA, R. Metodologia Científica. 6ª ed.. São Paulo: Pearson, 2006